

ENTRUDO

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO. Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

Cavalos e viajantes andavam estropiados, as patas tocavam dor nos cascalhos. As botas foram carcomidas pelo suor equino.

As virilhas dos homens ficaram assadas com o movimento repetitivo da cavalgada. A estrada levava-os aos morros.

Os morros os convidavam. Aproximaram-se da parede telúrica, ouviram uma música.

A estrada estreitou-se, tornava-se uma trilha no mato. Atrás dos morros, no vale, habitava a cidade, que se espriava entre as ladeiras.

Quando as primeiras patadas anunciaram a chegada dos estrangeiros, uma colombina sai da casa de esquina.

Ela lhes oferece café. Eles apeiam dos cavalos. Bebem o café.

Eles se apresentam: Prazer, Dom Quixote. Prazer, Marco Polo.

A colombina nada responde, enfeita-os com confetes e serpentinas. Gesticula os pés, mania gestos convidativos. Pula.

Joga mais serpentinas. A mulher mascarada escorrega pelas ruas. Os viajantes enfeitiçados seguem-na.

Esquecem os cavalos e correm pelos becos tortos da estranha cidade. Escutam a música. São levados por ela.

Chegam à casa cantante. A porta abriu-se, os músicos tocavam, crianças algazarravam, velhos e velhas declamavam poemas épicos. Quando os viajantes entraram pela porta, alguém joga água nas suas cabeças.

As pessoas brincavam com as águas. Crianças, em gargalhadas, molhavam seus pais e, por imediata consequência, eram molhadas pelos avós. Havia um jogo coletivo de molhar o outro. Embriagavam-se com a água tomada em pequenas doses.

– Seria a colombina a tão procurada Dulcineia? Exclama Quixote.

Marco Polo perguntava-se se aquela cidade de pedras era feita dos resquícios da muralha da China:

– Como narrarei suas formas para o imperador?

Contudo, a cidade possuía sua própria realeza. E os reis festejavam junto aos súditos, vestiam um brilhante manto azul, andavam bêbados entre os foliões. Ordenavam sorrisos, abraçavam súditos. E, por ordem jocosa, também eram molhados.

Os viajantes estranharam a liberdade de brincar em que a realeza se envolvia.

Vieram de reinos em que os reis impunham medo e festejavam sentados em portentosos tronos.

Um pequeno discurso foi proferido pela rainha. Os súditos foliões, ao ritmo das músicas, saíram para a rua.

Na partida, os dois amigos viajantes encontravam-se bêbados. A fome fora saciada pela sopa e sede etílica, pela cachaça.

Fizeram o cortejo pelas esquinas da cidade. Misturavam-se aos foliões, tornavam-se gente da cidade de pedras.

Dois elefantes ditavam o ritmo do festejo e suas trombas molhavam o povo. Os foliões, com os baldes erguidos, pediam água e as mangueiras dos animais jogavam-na para cima. Homens e mulheres subiam nos lombos dos animais.

Com os recipientes cheios, atiravam o líquido para cima. Com brincadeira e riso, molhavam-se.

A água tocava a pele, esse elemento proporcionava um abraço coletivo. Todos se tocavam.

A cidade subiu suas ruas, foliões negros entravam no cortejo. Ao caminhar pelas ladeiras, ela enegrecia.

Um pouco antes, Quixote encontrara sua Dulcineia. Beijou-a.

Marco Polo perdeu o interesse em descobrir as origens daquelas casas, ruas, muros e pedra. Via tudo alegremente turvo.

Os viajantes viram, sem espanto, que a água amolecia as formas dos homens. Os filhos do barro tornados lama.

Todas as durezas corpóreas dissolviam-se. Os foliões transformaram-se em um leitoso rio, que subia as ruas de paralelepípedo.

O barrento rio cantava marchinhas de carnaval. Em todas as tardes, o rio desceu pelas ladeiras meandradas.

Escorreu até a Igreja. Represou-se. Engoliu os símbolos sacrossantos. A máscara carnavalesca escondeu a face da cruz, que se assentava no centro da praça. Mascarada, a cruz profanou-se. Seu corpo duro foi tocado pelas lascivas águas.

Ela se manteve inerte à intempérie festiva. Os corpos dissolvidos dançavam ao seu pé.

Na quarta-feira de cinzas, a cidade amanheceu alegre e envergonhada. Ficou por mais tempo na cama, bebeu um copo gelado de água para curar a ressaca. Os foliões voltaram às suas formas corpóreas originais, agora eram vasos, botijas e filtros.

O barro endurecido almeja a segurança, compra guarda-chuvas.

Deitado na rodoviária Don Quixote acordou José. Acordou sendo beijado por uma magricela cachorrinha.

Marco Polo amanheceu gari. Vestiu o uniforme. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.